



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB**  
**FACULDADE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA**  
**DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**ORIENTADORA: CLAUDIA BUSATO**

**DOCUMENTÁRIO**  
**“MUSICA ELETRÔNICA – POR TRÁS DA CENA”**

**Francisco Dutra Pimenta**  
**RA: 21118754**

**BRASÍLIA – DF**  
**2015**

**FRANCISCO DUTRA PIMENTA**

**DOCUMENTÁRIO “MÚSICA ELETRÔNICA – POR TRÁS DA CENA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, curso de Comunicação Social, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Claudia Busato

**BRASÍLIA  
2015**

**FRANCISCO DUTRA PIMENTA**

**DOCUMENTÁRIO “MÚSICA ELETRÔNICA – POR TRÁS DA CENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, curso de Comunicação Social, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Claudia Busato

Brasília, DF., 23 de Novembro de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Maria Busato**  
**Orientadora**

---

**Prof. M.e Bruno Assunção Nalon**  
**Examinador**

---

**Prof. M.e André Ramos**  
**Examinador**

*Este trabalho é dedicado aos meu pais,  
ao Antônio e a Paula. Minha família  
sempre foi meu maior incentivo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Cláudia Pereira Dutra e Paulo Roberto Severo Pimenta, por todos os valores e dedicação que tiveram em me tornar um adulto confiante.

Aos meus irmãos e melhores amigos, Antônio Dutra Pimenta e Paula Dutra Pimenta, parceiros para todas as horas e para todos os dias.

À minha namorada, Luíza de Lena Leão Dutra, que me guia e incentiva a tomar sempre as melhores decisões e eu amo mais a cada dia.

À minha madrinha, Maria Isabel Pereira Dutra, por sempre estar presente e por todo carinho e paciência que teve na minha formação.

Ao meu amigo, Gabriel Abrão da Silva, por acreditar e proporcionar que esse projeto se tornasse realidade.

À prof.<sup>a</sup> Cláudia Maria Busato, por aceitar me orientar e compartilhar de sua sabedoria comigo durante o Trabalho de Conclusão de Curso.

À todos professores e demais profissionais que trabalham no curso de Comunicação Social do UniCEUB.

À Deus, pai de toda vida na Terra.

*Por intermédio do cinema tento dar a  
conhecer um país e as pessoas que nele  
vivem. [...] Todos os povos tem sua  
grandeza, cabe ao autor do filme  
descobri-la.*

Robert Flaherty

## RESUMO

Este é um projeto experimental na modalidade produto de comunicação, Documentário, referente a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e traz um estudo sobre a história dos documentários, além de técnicas expostas por autores e atuantes da área. O tema do filme é a música eletrônica e sua presença no Distrito Federal, a partir de depoimentos de profissionais com experiência em diferentes segmentos no ramo de eventos musicais, tais como o mercado em expansão, a hibridação entre entretenimento e projeto social e o universo sonoro e sensorial da música eletrônica.

Palavras-chave: Documentário; Cinema; Música Eletrônica; Entrevista; Mercado.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
1.1	Justificativa.....	9
1.2	Objetivo geral .....	9
1.3	Objetivos específicos.....	9
<b>2</b>	<b>Fundamentação teórica .....</b>	<b>10</b>
2.1	Conceito e características.....	10
2.2	Nascimento do cinema .....	11
2.2.1	O gênero documentário .....	12
2.3	Técnicas .....	13
<b>3</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>15</b>
3.1	Idealização .....	15
3.2	Personagens.....	15
3.2.1	Pautas de entrevista .....	16
3.3	Gravações.....	17
3.4	Decupagem, montagem e edição.....	18
<b>4</b>	<b>Considerações Finais.....</b>	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>22</b>



## 1 Introdução

Este trabalho foi realizado pelo aluno Francisco Dutra Pimenta de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como um dos requisitos para a aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Como produto final foi elaborado um Curta-Documentário cujo tema central é a Música Eletrônica no Brasil, uma vertente musical que está em constante desenvolvimento.

Os documentários são produções cinematográficas que se diferem das ficcionais com base na sua objetividade, pois além do entretenimento estes servem como fonte-histórica e contribuem para o conhecimento científico. Esta objetividade foi herdada da fotografia, que em seu surgimento gerou um debate em que argumentava ser mais do que mera obra de arte, mas uma evidência do passado que faz parte da cultura histórica. (BURKE, 2004)

Porém não se deve considerar o documentário como realidade absoluta, uma vez que ao longo do século XX este cresceu sob influência do cinema como entretenimento e desenvolveu uma narrativa com aspirações artísticas. Até hoje as obras do gênero que mais destacaram entre o público, foram aquelas que não se restringiram a apenas “documentar”. Elas expuseram seus motivos e pontos de vista ao espectador, tornando-as mais atraentes. (PENAFRIA, 2001)

O cinema possui sua linguagem específica e convenções internas. É preciso ter conhecimento sobre técnicas do áudio visual, como corte e montagem, a fim de manter uma lógica na ordem dos planos, possibilitando a construção de uma narrativa que alcance o objetivo proposto na obra.

Atualmente a música eletrônica vem ganhando cada vez mais espaço no cenário nacional, o que gera um alto nível de investimento nesse segmento. Além de serem realizados grandes eventos, diversas marcas internacionais tem se estabelecido no país, trazendo o seu produto e ampliando sua área de atuação. Como exemplo o festival *Tomorrowland*, considerado o maior evento do meio eletrônico do mundo, que acontece anualmente na Bélgica e, no mês de maio de 2015, trouxe sua primeira edição para o Brasil, consolidando definitivamente o país como um dos grandes polos da música eletrônica mundial.

Este projeto foi idealizado em parceria com Gabriel Abrão Silva, tendo esta memória como proposta a elaboração de um relatório do documentário, servindo de apoio ao trabalho prático que foi filmado em Brasília. Este contendo a descrição de todo processo de criação, e ficam a cargo de Francisco Dutra Pimenta as atividades de roteiro, gravação, decupagem e edição, até obter o produto final. Os entrevistados foram escolhidos com base na sua trajetória e contribuição para o contexto da música eletrônica local e nacional.

### 1.1 Justificativa

O tema foi escolhido com base na atualidade da música eletrônica no contexto cultural mundial e, tendo em vista que em apenas alguns anos conquistou um enorme número de adeptos no Brasil, fazendo-se necessário o lançamento de materiais que explorem este segmento.

A publicidade exige do profissional que se mantenha sempre informado sobre os mais diversos temas. A seleção de um nicho delimitado de mercado permite um estudo aprofundado daquele meio para que seja possível uma abordagem aprimorada quando se tornar necessária a criação de uma estratégia de divulgação sobre um produto ou marca inseridos naquele contexto.

O formato para a o desenvolvimento é o de um documentário, porque esse possui uma dinâmica capaz de envolver de forma única o espectador. E um curta documentário (14min) para se adaptar as novas plataformas de exibição de vídeo como o YouTube.

### 1.2 Objetivo geral

Produzir um curta documentário cujo tema central é a música eletrônica.

### 1.3 Objetivos específicos

- a) Criar uma memória com entrevistas de profissionais da área;
- b) Demonstrar a música eletrônica como um movimento cultural;
- c) Proporcionar uma interação entre os seus apreciadores..

## 2 Fundamentação teórica

### 2.1 Conceito e características

O documentário se trata de um produto audiovisual que recebe uma direção baseada em um ou mais pontos de vista, para expor temas e fatos da realidade através de uma combinação específica de imagens e sons, buscando atingir um determinado propósito.

Muitas vezes este formato é considerado uma reprodução da realidade, quando, no entanto para isso deveria manter o material original livre de qualquer alteração, o que não ocorre. Apesar de o filme ser documental, antes da captação de imagens há todo um processo de escolha dos planos, enquadramentos, iluminação, além de em alguns casos até preparação de cenários e entrevistados. Sendo assim, a definição que melhor se adequa seria a de representação da realidade, pois visa proporcionar prazer a quem assiste (NICHOLS, 2001).

O que é um documentário? É um filme que não pode ser encenado, porque não pode ser planejado; que não pode ser planejado, porque não se pode escrever o seu argumento; que não pode ser escrito, porque ninguém conhece de antemão a sua história, acontecimentos, conclusão. É um filme no qual, por definição, a realidade esta sempre à frente do cineasta – ao contrário do filme de ficção, no qual o cineasta esta a frente, pois tem um argumento, planejado, e que pode ser encarnado na encenação. (AUMONT, apud GERBASE, 2012, p. 183)

Enquanto as produções ficcionais são divididas em vários gêneros, entre os quais drama, ação, comédia, ficção científica, as que exploraram a realidade são agrupadas no gênero “Documentário”, apesar de apresentarem obras das mais diversas formas e estilos. No artigo “O que é documentário?”, Fernão Pessoa Ramos questiona se este deve ser caracterizado como gênero ou como linguagem com certas características imagéticas que o identificam.

O que tem sido visto recentemente é uma tendência dos filmes receberem dois ou mais gêneros, como nos dois documentários de maior arrecadação nos EUA segundo o IMDb. A obra sobre o atentado terrorista ao World Trade Center em New York (EUA), “Fahrenheit 11 de Setembro” (2004), é classificado também como drama ou “docu-drama”, expressão utilizada para caracterizar filmes que reconstrói

episódios trágicos da história, e “Jackass 3D” (2010), de Jeff Tremaine, que além de documentário também se encontra nos gêneros comédia e ação.

[...] ficou definido que, no documentário, é absolutamente essencial que as imagens do filme digam respeito ao que tem existência fora dele. Esta é a principal característica do documentário. A segunda, já em estúdio, é a organização das imagens obtidas in loco [...] segundo uma determinada forma; o resultado final dessa forma é o filme. A organização fora o filme a não se pautar por uma mera descrição, apresentação descaracterizada ou sucessão sem propósito aparente, das imagens obtidas in loco. O documentarista, por seu lado, é cúmplice das características anunciadas (PENAFRIA, 1999, p.39).

Não existe receita para se produzir um documentário. Em Introdução ao Documentário (2005), Nichols cita “A Escola” (1968), de Frederick Wiseman, como exemplo de precursor das abordagens alternativas. Este desafiou as convenções da época ao não utilizar de comentários em voz-over em sua obra. Até a década de 60 este recurso era considerado característica básica deste formato audiovisual.

Portanto, uma vez que não é possível estipular um conjunto único e fixo de técnicas, o que se identifica como ponto comum entre os documentários é o seu status de não ficção.

## 2.2 Nascimento do cinema

A raiz do documentário é a mesma do cinema como um todo, na corrida pela invenção de um aparelho que projetasse filmes. Foi uma evolução de outra forma de diversão popular que caracterizou a segunda metade do século XIX, os espetáculos de lanterna mágica. Estes consistiam em placas de imagens coloridas eram postas em frente uma chama de querosene, e a luz projetava as imagens em uma parede. Acompanhado de vozes e músicas, contava-se uma história. (COSTA, 2006)

Em 1893 o americano Thomas Edison registrou a patente do quinetoscópio, máquina que produzia e reproduzia fotografias em sequência dando a impressão de movimento. Foram instalados dez aparelhos em um salão em New York (EUA), eles funcionavam ligados a energia elétrica, pesavam por volta de 500 kg e possuíam visores individuais. Os primeiros registros de imagem em movimento apresentavam

40 a 50 segundos de cenas cotidianas em *looping*, para assistir devia-se inserir uma moeda (COSTA, 2006).

Dois anos mais tarde foi patenteado o Cinematógrafo Lumière na França. Para a autora Flávia Costa (2006), os irmãos Lumière recebem os maiores créditos pela invenção do cinema, devido a suas estratégias de marketing. As demonstrações do aparelho ocorreram em cafés e teatros, locais onde as pessoas pudessem beber, comer, conversar, e também aconteciam outras apresentações como cantores e mágicos. Além de terem desenvolvido uma máquina muito mais leve, o funcionamento desta estava ligado apenas ao girar de uma manivela, permitindo que rodasse em locais onde não havia eletricidade.

Na estreia do aparelho, foi exibido *La sortie des ateliers Lumière* (em português algo como “A saída dos operários da Fábrica Lumière”), que trazia operários saindo do local de trabalho em bicicletas, seguidos de seus patrões em carruagens. Outras produções que se decorreram na época mantiveram o padrão de documentar gestos espontâneos, humanos ou animais, e paisagens naturais. Por exemplo “Barcos Saindo do Porto”, “Voo de Um Pássaro” e “Primeiro Passeio de Um Bêbe”, lançados antes de 1907, cujos nomes expressam todo seu conteúdo. (BARNOUW *apud* PENAFRIA, 1999).

No Brasil, as primeiras filmagens identificadas como documentário são associadas aos cineastas Afonso e Paschoal Segreto, Silvino dos Santos e major Luís Tomás Reis. Estas imagens foram perdidas ao longo dos anos, restando apenas vestígios (RODRIGUES, 2010).

### 2.2.1 O gênero documentário

A palavra documentário e esta prática passaram a ser reconhecidas a partir da década de 20 nos EUA, com Robert Flaherty e sua obra *Nanook, O Esquimó* (1922). O diretor se deslocou ao norte do Canadá, onde conviveu com o povo Inuit captando imagens desde pescas a construção de iglus, e trouxe um pouco da tradição e do cotidiano desta comunidade que até então era praticamente desconhecida do grande público. Este é considerado o primeiro documentário (TEIXEIRA, 2006).

A magia de Flaherty está em saber transfigurar a presença em imagem. Flaherty estava lá, Flaherty morou onde a circunstância da tomada transcorre. Flaherty também sabia filmar, sabia esperar o momento de transferir para a tela a intensidade da presença, obtida através de longas estadias no local. (RAMOS, 2000, P. 10)

Ao mesmo tempo na União Soviética, Dziga Vertov introduzia o 'Kino-Pravda (cinema de verdade). Tratava-se de uma denominação para diferenciar seus trabalhos das demais produções cinematográficas. Vertov se recusava a filmar atores e cenários que não fossem naturais, acreditava que a ficção nada mais era do que uma máscara do mundo utilizada para corromper os proletários. Seu trabalho que mais contribuiu na formação da identidade dos documentários é O Homem Câmera (1929) (PENAFRIA, 1999).

[...] o cinema de verdade, de Dziga Vertov, declarou guerra aberta aos filmes roteirizados e representados por atores. [...] Ele definiu os princípios e objetivos de uma representação poética, mais enérgica, da realidade operária cotidiana liberta do senso de responsabilidade civil a fim de encontrar “soluções” para a diferença de classe. (NICHOLS, 2005. p. 60)

Ao longo dos anos as fronteiras entre as obras de não-ficção e as de ficção tem se tornado transparente. “A Bruxa de Blair” (1999), dirigido por Daniel Myrick e Eduardo Sanchez, foi um filme pioneiro no formato pseudodocumentário. Este causou polêmica na época, por utilizar de um recursos tradicional dos filmes documentários, a câmera na mão. O que levou grande parte do público a crer naquelas imagens como reais e não encenadas.

### 2.3 Técnicas

O livro “Cinema – Primeiro Filme” (2012) de Carlos Gerbase, funcionou como um manual técnico para este trabalho. O autor cita que existem três núcleos principais na realização de um filme: roteiro, produção e direção. O primeiro referente a elaboração de uma história interessante para filme, o segundo reunindo todos os recursos e pessoas necessárias para que as cenas aconteçam e o terceiro ficando responsável pela coordenação do set, definição de enquadramentos, preparação de personagens, além de supervisionar as demais áreas e desempenhar

qualquer função que restar. E por final, é claro, a edição é que transforma todo este esforço em uma obra de arte.

O registro *in loco* é considerado seu principal atrativo, pois não utiliza como base um mundo criado por autores ou roteiristas, e sim faz referência ao mundo real compartilhado historicamente por uma sociedade. De acordo com Penafria (1999), o documentarista pode (ou não) expor a veracidade do seu tema através de narração, depoimentos, documentos históricos, entre outros elementos que tragam maior dramaticidade a narrativa.

Nichols (2001) identifica que existem seis modos para o diretor construir a narrativa de um documentário:

- Poético – Apesar de utilizar de material histórico como matéria-prima, organiza as falas e imagens de maneira poética. Aborda temas de forma abstrata, sem muito aprofundamento.
- Expositivo – Dirige-se ao público diretamente, apresenta fragmentos históricos de forma didática e argumentativa. Utiliza bastante de entrevistas e/ou voz-over, as imagens tem papel secundário.
- Observativo – O material filmado não traz uma intervenção explícita do cineasta, apenas observa as coisas. Surgiu principalmente com os documentaristas que filmavam a vida na selva.
- Participativo – Há interação entre o diretor e o cenário, ou os entrevistados. Bastante comum em filme com caráter antropológico, onde o pesquisador vai a campo e convive com aquela realidade.
- Reflexivo - Surgiu do modo participativo, porém aqui o documentarista faz pausas entre as imagens para fazer depoimentos próprios, falando diretamente com o espectador e levantando questionamentos.
- Performático – Trata de questões subjetivas, abstratas e imateriais. Da maior liberdade para o cineasta na escolha de planos e imagens. Apresenta muito estilo e pouca informação.

### 3 Metodologia

#### 3.1 Idealização

O projeto surgiu durante a matéria de Métodos e Técnicas de Pesquisa ministrada pela Professora Claudia Maria Busato, que posteriormente concordou em ser a Professora Orientadora deste trabalho. Sempre houve interesse na produção de um documentário, a ideia havido sido discutida com a professora que indagou sobre a importância de um tema relevante para o produto. Durante este processo inicial, a temática que estava sendo considerada era a de “Cinema como Agente de Inclusão Social”, esta acabou sendo descartada por ter sido identificado que se adequaria melhor no formato de um artigo. Ainda há interesse em levar esta ideia em frente futuramente.

Durante uma conversa com o colega Gabriel Abrão da Silva, este relatou que gostaria de tratar sobre a Música Eletrônica em seu TCC, porém estava com dificuldade em definir o meio para levantar uma discussão sobre esse assunto, pensava em produzir uma revista impressa. Foi consultado a professora se havia possibilidade de unir as ideias e realizar um produto que atendesse ambas vontades. Ela aprovou com a condição de que fossem escritos memoriais descritivos distintos, cada qual dando maior ênfase a sua área de trabalho. Sendo assim, coube a Gabriel apresentar e contextualizar a Música Eletrônica, enquanto este trabalho faz um estudo quanto ao histórico e técnicas de audiovisual, além do relato do processo de Pré-Produção, Produção e Pós-Produção do curta documentário “Música Eletrônica – Por Trás da Cena”.

#### 3.2 Personagens

Foi estipulado que o filme teria o modo expositivo, definido por Nichols. Por se tratar de uma obra de não ficção gira em torno de depoimentos de personalidades que são referência no mercado da música eletrônica. Todas as pessoas convidadas aceitaram participar da entrevista e consideraram relevante essa produção. São elas:

- Thaísa Sabino – Formada em publicidade e em jornalismo, é uma das sócias da boate Victoria Haus. Há alguns anos iniciou o projeto BEM



MEB, que consiste em festas gratuitas para arrecadação de doações que são entregues em áreas carentes.

- Felipe Lobo – Uma das cabeças por trás da UP Club, produtora de eventos por todo Brasil, que recentemente lançou uma gravadora que já conta com diversos artistas, incluindo o DJ Alok Petrillo, número 1 do Brasil segundo o ranking da HouseMag.
- Kranti Pessoa – Astrólogo e precursor da música eletrônica do país, teve contato com a primeira geração das raves na década de 80 em Goa na Índia. Produz o Festival Alternativo do Kranti que já se encontra na 16ª edição.
- João Komka – Um dos proprietários do 5uinto, tradicional boate do cenário sempre trazendo as maiores atrações nacionais e internacionais. Única casa de Brasília a figurar no ranking da HouseMag entre os 25 melhores Clubs de Música Eletrônica do país.

### 3.2.1 Pautas de entrevista

Não houve um roteiro fechado na fase de pré-produção, por se tratar de obra não-ficcional, não havia como transcrever as falas e as expressões dos personagens. O que havia sido definido era a proposta de “apresentar a música eletrônica como um mercado de negócios e levantar discussões associadas a este gênero”, tal como o uso de drogas ilícitas. Portanto foi definida uma ordem cronológica na qual os temas surgiriam no filme, que foi a seguinte: histórico, projeto social, mercado, preconceito e sensação.

A partir deste esquema foram desenvolvidas as pautas de Entrevista, que traziam algumas perguntas elaboradas para cada um e outras perguntas comuns a todos. As questões comuns foram feitas da mesma forma, ou bem similar, a todos e possibilitaram que fosse construída uma “conversa” entre os entrevistados.

Já havia sido pré-definido que cada um receberia um espaço de enfoque, sendo Kranti no Histórico, devido a sua contribuição de longa data para o crescimento do movimento da música eletrônica no Brasil; Thaísa com projeto social, pelo seu trabalho inovador; e Felipe ficando encarregado da parte de mercado por estar totalmente inserido neste meio. Os demais assuntos seriam

abordados por todos. Komka foi adicionado ao projeto posteriormente e foi incluído principalmente junto à parte de mercado.

### 3.3 Gravações

O UniCEUB disponibilizou os equipamentos e a equipe técnica para as captações de som e imagem neste filme. Os cinegrafistas foram levados até as locações pelos alunos e após o serviço deixados de volta no campus dentro do horário estipulado. Essa participação foi importante, destacando-se o profissionalismo da equipe no apoio ao trabalho desenvolvido pelos alunos.

O enquadramento utilizado é chamado de Meio Primeiro Plano, quando o a figura humana é enquadrada da cintura para cima. Em algumas falas com maior teor emocional, foi dado um zoom e enquadramento portanto foi o Primeiríssimo Plano, quando a figura humana é enquadrada dos ombros para cima (GERBASE, 2012). Para a captação de som, fez do microfone de lapela, que fica preso a gola da camisa, captando a voz mais nitidamente e descartando as poluições sonoras do local.

Foram quatro sessões de filmagem ao longo do mês de outubro, em locais escolhidos pelos próprios entrevistados. Foi dada esta liberdade para que estes sentissem-se a vontade durante os depoimentos.

- 3.3.1 A primeira entrevista foi a de Thaísa, ocorreu no dia 07 de outubro às 19h no Museu da República, devido ao local ser tradicionalmente palco de eventos com caráter social. O cenário não ficou muito claro devido a má iluminação, foi necessário utilizar o flash para permitir a visibilidade da personagem.
- 3.3.2 No dia 14 de outubro Felipe avisou que sua gravação, marcada para o dia seguinte, teria de ser adiada para a próxima semana. Portanto no dia 19, às 9h, foi realizada sua entrevista no estúdio de gravação da UP Club em Águas Claras (DF).
- 3.3.3 Às 16h do dia 23 de outubro a equipe se deslocou para uma locação às margens do Lago Paranoá, onde já estava montada uma estrutura de bambus com alguns panos psicodélicos, para encontrar Kranti Pessoa. Ele relatou ter participado de um evento esportivo no local

durante o final de semana, e que o local o remeteu às locações de festivais.

- 3.3.4 Por último aconteceu a entrevista com João Komka, às 19h do dia 28 de outubro, em seu mais recente empreendimento, o 5uinto Bar. Esse espaço funciona como um bar, porém com o diferencial de trazer DJs de Brasília para tocar no local. O som do ambiente provocou ruído na captação de áudio.

### 3.4 Decupagem, montagem e edição

Estas foram as etapas que demandaram maior tempo e dedicação. Gerbase (2012) menciona que estas tarefas exigem uma mente organizada, senso crítico apurado, capacidade síntese e muita criatividade. Houveram três sessões de 4 horas no UniCEUB com o editor da instituição entre os dias 3 e 5 de novembro, e posteriormente foi acordado com o fotógrafo e editor profissional Lucas Hamann que ele realizaria a parte técnica da edição mediante direção dos alunos. A pós-produção do filme foi integralmente realizada no software de edição Adobe Premiere Pro.

Primeiramente foi realizada a decupagem. Todas as tomadas foram assistidas pausadamente e anotados os tempos do segundo em que iniciava e o segundo onde se encerrava cada trecho que poderia ser utilizado. Na ilha de edição do UniCEUB foram feitos os cortes, corrigindo alguns planos onde havia uma pausa muito grande entre as frases ou excesso de exemplos, que levassem o espectador a se perder no assunto. Ainda lá foi iniciada a montagem, porém por falta de horários disponíveis nos dias seguintes, optou-se por encontrar uma maneira que não fosse preciso interromper a edição.

Lucas Hamann realiza coberturas fotográficas e de vídeo para as maiores festas de música eletrônica do DF. Ele integrou a equipe do filme ao meio-dia do dia 9 de novembro e foram 12 horas de edição seguidas. Nesta data foi realizada a montagem, é quando os planos de todos são separados pela temática e em seguida reordenados de forma que as falas tenham coerência compondo uma narrativa cinematográfica.

Nos dias 12 e 13 de novembro, aconteceram as últimas etapas da realização do filme. Primeiramente foram inseridas imagens adicionais, planos para mostrar

festas embaladas pelas música eletrônica. Tanto Lucas quanto os entrevistados disponibilizaram filmagens de seus arquivos pessoais para serem utilizadas no documentário, algumas cenas trazem a logomarca da empresa no canto inferior direito. Procurou-se inserir imagens relacionadas com o ultimo assunto abordado.

Para a trilha sonora, foram escolhidas 9 músicas, sendo 8 produções de artistas nacionais e um do produtor musical Neozelandês, Grouch. O objetivo desta seleção foi, além de possibilitar uma experiência sensorial com a música eletrônica, valorizar e divulgar o trabalho de qualidade sendo feito no Brasil. Foram contemplados artistas já consagrados, como Gui Boratto, e estreantes como a dupla Autobotz.

Por ultimo foram inseridos os textos que aparecem na obra. O nome Música Eletrônica – Por Trás da Cena, foi escolhido para trazer a ideia do filme de apresentar este contexto a partir de pontos de vista internos. As festas deste estilo em sua maioria possuem um palco, onde fica o DJ, e o público fica em frente a ele. O nome sugere que o público, através deste filme, poderá conhecer um pouco do que há por trás daquele palco e daquela produção.

Durante a ultima orientação com a professora Claudia Busato, foi definido que por possuir um caráter didático, o documentário apresentaria o nome dos temas antes de se iniciar a discussão sobre eles. A tipografia foi adotada para as intervenções textuais que aparecem no filme, assim como o nome da obra e os créditos finais, foi a fonte Ailerons, tradicional nas peças gráficas utilizadas no meio eletrônico.

#### **4 Considerações Finais**

Após toda pesquisa que contemplou a revisão de literatura específica na área audiovisual, identificou-se que apenas um registro de imagem e som não configura o gênero documentário. Este deve conter uma intervenção de caráter autoral do documentarista, determinar um ponto de vista que irá refletir na maneira como as imagens e sons se sucedem. E como resultado, estimule uma reflexão.

A partir das entrevistas realizadas com referências nacionais no mercado da música eletrônica constatou-se que, mais que um estilo musical, este é um movimento existente desde os anos 1980 e que, atualmente, está vivenciando uma fase de crescimento e adesão. Esse crescimento do segmento ocorre em razão da profissionalização que se expande com a ampliação dos negócios no país, também devido à superação de preconceitos em relação à música eletrônica que, muitas vezes, foi associada ao consumo de drogas, assim como outras vertentes musicais o sofreram em seu princípio.

Destaca-se que cada um dos entrevistados se identificam não apenas como pessoas envolvidas profissionalmente no cenário, mas se revelam, assim como o grande público, participantes das festas e amantes da música eletrônica. Todos eles abordaram suas relações com este universo como algo que faz parte de suas vidas.

No conjunto o documentário alcançou o objetivo de demonstrar as possibilidades de uma produção sem roteiro fechado. Considerando-se que havia uma ordem cronológica estabelecida na abordagem, mas que manteve-se aberta para inserção de outras perspectivas consideradas relevantes durante o processo.

Conseguiu-se construir uma narrativa coerente com as falas dos entrevistados. Este produto poderá ser utilizado por outros estudos e pesquisas. Além de alcançar o objetivo de possibilitar a difusão do material entre aqueles que tem gosto pela arte da música eletrônica.

## REFERÊNCIAS

- BALTHAZAR, Júlia. **Os tabus sociais na percepção de gêneros e papéis sexuais.** Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7424/1/JÚLIA%20UDIHARA%20BALTHAZAR.pdf>
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos; Revisão técnica: Daniel Arão Reis Filho – Bauru, SP, EDUSC, 2004.
- COSTA, Flávia. Primeiro Cinema. IN: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial.** Campinas, SP, Papirus, 2006.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido.** Rio de Janeiro, Azogue Editorial, 2004.
- FEITOSA, André. **O documentário enquanto fonte histórica: possibilidades e problemáticas.** Natal, XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.
- MELO, Cristina. **O documentário como gênero audiovisual.** UFPE, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/download/24168/14059>
- MELO, José. **Duplo emprego esporte clube.** Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7322/1/20912842.pdf>
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP, Papirus, 2005.
- PENAFRIA, Manuela. **O Filme documentário.** Lisboa, PT, Cosmos, 1999.
- RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário? *IN*: RAMOS, Fernão Pessoa e CATANI, Afrânio (orgs.). **Estudos de cinema SOCINE 2000.** Porto Alegre, Editora Sulina, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>
- RODRIGUES, Flávia. **Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro.** Juiz de Fora, 2010. Disponível em: [http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/04\\_COMUNICACAO\\_cinemadeocumentario.pdf](http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/04_COMUNICACAO_cinemadeocumentario.pdf)
- SILVA, Carolina e COSTA, Maria. **Quem vem lá – Documentário.** Juiz de Fora, 2013. Disponível em : <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/MONOGRAFIA-PRONTA.pdf>
- TEIXEIRA, Francisco. Eu é outro: documentário e narrativa indireta livre. In: TEIXEIRA, Francisco (Org.). **Documentário no Brasil: Tradição e transformação.** São Paulo, Summus Editorial, 2004.

## APÊNDICES

Apêndice A

Modelo de autorização de uso de imagem

Apêndice B

Cópia da autorização de uso de imagem assinada pela entrevistada Thaisa Sabino

Apêndice C

Cópia da autorização de uso de imagem assinada pelo entrevistado Kranti Pessoa

Apêndice D

Cópia da autorização de uso de imagem assinada pelo entrevistado Felipe Lobo

Apêndice E

Cópia da autorização de uso de imagem assinada pelo entrevistado João Komka

Apêndice F

Pauta de perguntas para entrevista com Thaísa Sabina

Apêndice G

Pauta de perguntas para entrevista com Kranti Pessoa

Apêndice H

Pauta de perguntas para entrevista com Felipe Lobo

Apêndice I

Pauta de perguntas para entrevista com João Komka

Apêndice J

Roteiro de áudio e imagem

## Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário “Música Eletrônica – Por Trás da Cena”. O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Brasília/DF, \_\_\_\_ de Novembro de 2015

---

Assinatura

NOME:
ENDEREÇO:
CIDADE:
RG:
CPF:
TELEFONE:



## Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário "Música Eletrônica – Por Trás da Cena". O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Brasília/DF, 16 de Novembro de 2015



Assinatura

NOME:	THAISA LARA PONTES SABINO
ENDEREÇO:	SHCGN 707 C AP 302
CIDADE:	BSB
RG:	10070502 SSP/MG
CPF:	037318546-43
TELEFONE:	061 82716206

## Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário "Música Eletrônica – Por Trás da Cena". O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Brasília/DF, 16 de Novembro de 2015



Assinatura

NOME:	ANTÔNIO CARLOS PESSOA RIBEIRO
ENDEREÇO:	SQS 303 - H-404
CIDADE:	BRASILIA - DF
RG:	694.302 - SSP DF
CPF:	450 519 766 20
TELEFONE:	9249 9197

## Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário "Música Eletrônica – Por Trás da Cena". O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Brasília/DF, 16 de Novembro de 2015

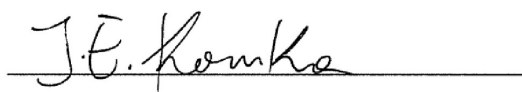
Assinatura

NOME:	FELIPE CALDEIRA LOBO
ENDEREÇO:	QUADRA 204, RUA 13 SUL, BLOCO B, ESCRITÓRIO 702 - ÁGUAS CLARAS, BRASÍLIA-DF
CIDADE:	BRASÍLIA - DF
RG:	2472833
CPF:	01955492107
TELEFONE:	98096556

## Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário "Música Eletrônica – Por Trás da Cena". O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Brasília/DF, 24 de Novembro de 2015



Assinatura

NOME:	João Eduardo Komka
ENDEREÇO:	Rua 3 Norte, lote 3, Apto 1302 - Aguas Cheras
CIDADE:	Brasília
RG:	2.437.465 SSP/DF
CPF:	724.407.321-68
TELEFONE:	(61) 81 74 31 25

## Pauta de Entrevista

THAISA SABINO

1. Qual foi seu primeiro contato com a música eletrônica?
2. O que você identifica de mudanças no cenário desde a sua iniciação para os dias atuais?
3. Em que momento você decidiu deixar de ser apenas consumidora, mas também investir e trabalhar neste mercado?
4. Como é administrar um negócio no ramo de entretenimento?
5. O que é o BEMMEB? Como surgiu esta idéia? Quais são os objetivos e as metas do projeto?
6. Como surgiu a idéia de relacionar a música eletrônica com uma causa social?
7. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo associados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo destes eventos?
9. A música eletrônica é algo visceral, muitas vezes sem letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora física, mental e emocionalmente?
10. Muitos estilos musicais tiveram um momento de ascensão e depois foram deixados de lado pela grande massa. Como você enxerga o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?

## Pauta de Entrevista

### KRANTI PESSOA

1. Qual foi seu primeiro contato com a música eletrônica?
2. O que você identifica de mudanças no cenário desde a sua iniciação para os dias atuais?
5. Em que momento você decidiu deixar de ser apenas consumidor, mas também investir e trabalhar neste mercado?
6. Como é administrar um negócio no ramo de entretenimento?
8. Como surgiu o FAK? Quais são os objetivos e as metas do projeto?
9. Como surgiu a idéia?
10. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo associados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo destes eventos?
11. A música eletrônica é algo visceral, muitas vezes sem letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora física, mental e emocionalmente?
12. Muitos estilos musicais tiveram um momento de ascensão e depois foram deixados de lado pela grande massa. Como você enxerga o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?

## Pauta de Entrevista

FELIPE LOBO

1. Qual foi seu primeiro contato com a música eletrônica?
2. Em que momento você decidiu deixar de ser apenas consumidor, mas também investir e trabalhar neste mercado?
3. O Brasil se consolidou como um dos polos de música eletrônica mundial, há poucos anos passou a receber uma edição por ano do maior festival do mundo, Tomorrowland. O que você identifica que possa ter influenciado para o crescimento desta cena no país?
4. Como funciona a UP Club Records, e quais são as suas funções na empresa?
5. A rotina de um envolvido no mundo do entretenimento costuma ser muito intensa, com constante viagens e festas todos finais de semana. Conte um pouco sobre este dia-a-dia.
6. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo associados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo destes eventos?
7. A música eletrônica pode ser considerada algo visceral, muitas vezes não possui letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora física, mental e emocionalmente?
8. O que você enxerga para o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?

## Pauta de Entrevista

### JOÃO KOMKA

1. Qual foi seu primeiro contato com a música eletrônica? Como era a aceitação desta vertente na época?
2. O Brasil se consolidou como um dos polos de música eletrônica mundial, há poucos anos passou a receber uma edição por ano do maior festival do mundo, Tomorrowland. O que você identifica que possa ter influenciado para o crescimento desta cena no país?
4. Em que momento você percebeu a oportunidade para deixar de ser apenas consumidor, mas também investir e trabalhar neste mercado?
5. O 5uinto já existe a 8 anos, e atualmente figura entre os 25 melhores clubes de musica eletrônica do Brasil segundo a HouseMag. Como surgiu esta idéia?
6. A festa se tornou parada obrigatória para os amantes do estilo que vem a Brasília. Quais facilidades e e dificuldades surgiram ao longos dos anos?
13. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo associados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo destes eventos?
8. A rotina de um envolvido no mundo do entretenimento costuma ser muito intensa. Além do 5uinto, você também esta constantemente tocando em outras festas, seja com o projeto solo ou em parceria com a Dj Mari Perreli no projeto Come and Hell. Como você concilia a produção de eventos com a produção musical no seu dia-a-dia?
9. A música eletrônica pode ser considerada algo visceral, muitas vezes não possui letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora física, mental e emocionalmente?
10. O que você enxerga para o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?



TEMPO	AUDIO	IMAGEM
00:00-	Música: <i>Dazzo – Isis Castle</i>	Sequencia de festas
00:07- 00:10	*voz-over  <b>FELIPE LOBO:</b> A gente vive um momento muito bom na música eletrônica.	Sequencia de festas
00:13- 00:19	*voz-over  <b>KRANTI PESSOA:</b> Eu vejo que a música leva a esse estado meditativo, que a gente para de pensar, não tem como o corpo não se envolver.	Sequencia de festas
00:22- 00:26	*voz-over  <b>THAISA SABINO:</b> O que a música eletrônica faz, eu acho que nada é capaz de fazer.	Sequencia de festas
00:29- 00:31	*voz-over  <b>JOÃO KOMKA:</b> É uma coisa que a gente faz principalmente por amor, à cena, à música.	Sequencia de festas
00:34- 00:40	*voz-over  <b>KP:</b> Ele chegou meio anônimo, meio quietinho, meio calado, sem anunciar, sem fazer propaganda.	Sequencia de festas
00:43- 00:54	*voz-over  <b>TS:</b> Eu lembro quando eu comecei a frequentar as festas de música eletrônica dava 100, 200 pessoas. Agora você tem mais de 20.000 pessoas.	Sequencia de festas
00:57- 00:59	*voz-over  <b>FL:</b> Estão consumindo e estão gostando muito de música eletrônica.	Sequencia de festas
01:02- 01:13	*voz-over  <b>JK:</b> A música eletrônica é isso, não precisa de letra para te conduzir numa experiência de som, de prazer e de sensações. É bom demais.	Sequencia de festas
01:16 01:20	<b>Música:</b> <i>Dazzo – Isis Castle</i> ( <i>acaba após o título</i> )	<b>Título:</b> Música Eletrônica – Por Trás da Cena

01:22-02:04	<b>KP:</b> Como que a gente podia definir a música eletrônica? São sons que estão além do espectro dos sons dos instrumentos comuns, de sopro, de percussão e de corda. E ele cria outras sonoridades, sonoridades que a gente nunca tinha ouvido antes. E essas outras sonoridades a gente não consegue traduzir mentalmente com os padrões que a gente já tem. Então ele acaba provocando um “tilt” na mente e levando a pessoa também a um estado de meditação em que a pessoa para a mente, a pessoa não consegue traduzir aquilo ali e apenas sentir, e movimentar com aquilo. É um movimento, como a gente chama, psicodélico, que leva a sair dos padrões mentais e a expansão da consciência.	Kranti falando  <b>Identificação:</b> Kranti Pessoa – Pioneiro da Música Eletrônica
02:05-02:11	<b>FL:</b> Eu acredito que a música eletrônica de você colocar pra fora um pouco da sua energia, dançando do jeito que você quiser, entendeu?	Felipe falando
02:12-02:40	<b>KP:</b> Ora, os sons de um modo geral eles vem, o grave, o médio e o agudo, através do ar, das vibrações do ar. E entra no nosso ouvido, bate nosso sistema auditivo e gera a vibração que faz o corpo mover. Ai a música eletrônica vem com o subgrave, que é um som que vem pela terra. Ele sobe nos pés das e entra no corpo físico, no osso, e sacode a pessoa. Não há como escapar daquele movimento, daquele ritmo, daquela batida.  *02:34 Entra a música com volume baixo ( <i>Autobotz – Bass Drop</i> )	Kranti falando
02:40-	<b>Música:</b> <i>Autobotz – Bass Drop</i>	Sequencia de festas
02:52-02:55	<b>Música:</b> <i>Autobotz – Bass Drop</i>	<b>Subtítulo:</b> Mercado (sobre a sequencia de festas)
02:56-03:09	<b>KP:</b> Eu fui começar um “rolê” pelo mundo no inverno brasileiro de 89, que era o verão na Europa. E assim que eu cheguei lá meu irmão me mostrou um novo ritmo, que era o que estava “bombando” ai, e me mostrou a música eletrônica.	Kranti falando
03:10-03:16	<b>TS:</b> As primeiras festas não eram festivais como são hoje, eram menores. Apesar de ter alguns shows grandes.	Thaiza falando
03:17-	<b>JK:</b> Eu comecei a ouvir gostava das coisas	Komka falando

03:22	que passam na MTV. Foi uma evolução até chegar no que eu gosto hoje.	
03:23-03:31	<b>TS:</b> Uma coisa que eu me lembro com muita força foi o show do Prodigy em São Paulo. E aquilo foi “uau”, foi muito diferente de tudo que a gente estava ouvindo na época que era rock’n’roll.	Thaiza falando
03:32-03:42	<b>KP:</b> O pessoal que gostava de rock, de pop, de reggae, não gostou. Achava repetitivo e apelidaram a música de bate-estaca.  03:37 entra a musica com volume baixo ( <i>The Firsrt Stone – Jimi</i> )	Kranti falando
03:43-	<b>Música:</b> <i>The First Stone - Jimi</i>	Sequencia de festas
03:56-03:59	<b>Música:</b> <i>The First Stone - Jimi</i>	<b>Subtítulo:</b> Projeto Social
04:00-05:01	<b>TS:</b> Eu já tinha começado a produzir evento com 17 anos eu já fiz a primeira festa. Alguns anos depois eu acabei montando outro projeto que é o BEM MEB. São eventos que acontecem ocupando sempre uma área publica da cidade. Todos os eventos eles são gratuitos e a gente arrecada roupas, livros sapatos, brinquedos, que nos levamos para uma área muito carente de Brasília que é o Sol Nascente e o Por do Sol. Nesse aspecto social a música eletrônica ainda esta engatinhando. A gente começa a fazer um movimento que nós somos pioneiros. Quando a gente chega lá na comunidade e leva uma doação e conversa com a pessoa e conta por exemplo como que chegou aquele alimento na casa da pessoa, que foi através de música, através de uma festa, é diferente. Porque não tem um objetivo politiqueiro, é ali de coração que a gente esta fazendo isso.  04:30 entra a música com volume baixo ( <i>Gui Boratto – Azzura</i> )	Thaiza falando  <b>Identificação:</b> Thaiza Sabino - Produtora de eventos
05:02-05:16	<b>Música:</b> <i>Gui Boratto - Azzura</i>	Sequencia do BEM MEB no Parque da Cidade
05:17-05:52	<b>JK:</b> Sempre sonhei em ter um <i>club</i> . Sempre acreditei que a música como objetivo principal seria a força da coisa. E não a questão de vamos fazer uma boate e encher de mulher “gata” e ... fazer dinheiro. Nunca foi essa a intenção. Com isso a	Komka falando  <b>Identificação:</b> João Komka – Sócio do 5uinto Club

	<p>gente conquistou um público fiel que quer sempre ouvir novidades e artistas legais. E enfim, essa confiança do público foi fundamental pra durar o tempo que dura. São 420 edições à oito anos, que a gente conseguiu através da música.</p> <p>05:35 entra a música com volume baixo (<i>Hot Since 82 – Veins</i>)</p>	
05:53-	<b>Música:</b> <i>Hot Since 82 - Veins</i>	Sequencia de festa no 5uinto
06:04-06:06	<b>Música:</b> <i>Hot Since 82 - Veins</i>	<b>Subtítulo:</b> Mercado
06:07-06:49	<p><b>FP:</b> Tem por volta de 14 anos que eu frequento os eventos de música eletrônica. Eu tinha uns amigos que a gente queria trabalhar de uma certa forma, queria profissionalizar isso. Até tentei ser DJ, mas não deu muito certo e eu fui mais pra parte de produção. Hoje em dia, quais são as minhas funções? Eu cuido de 4 artistas, e um é o Alok que é o maior artista nosso, ganhou Top 1 DJ do Brasil. Tem a Up Club Records, que é uma gravadora, a gente faz eventos pelo Brasil inteiro, uma turnê. E a gente faz o festival no final do ano, que é a Universo Paralelo. É Um festival que acontece de 2 em 2 anos na Bahia, e foi considerado o maior festival de arte e cultura do Brasil.</p> <p>06:43 Entra a música com volume baixo (<i>Grouch – Soul Provider</i>)</p>	<p>Felipe falando</p> <p><b>Identificação:</b> Felipe Lobo – Empresário e Produtor Artístico</p>
06:50-	<b>Música:</b> <i>Grouch – Soul Provider</i>	Sequencia do festival Universo Paralelo
06:53-07:03	<p>*voz-over</p> <p><b>JK:</b> A gente tem festivais legais. O Tomorrowland é gigante, a Tribal Tech, a Kabalah de São Paulo, são festivais legais.</p>	Sequencia do festival Universo Paralelo
07:03-07:09	<b>Música:</b> <i>Grouch – Soul Provider</i>	Sequencia do festival Universo Paralelo
07:10-07:30	<p><b>KP:</b> Eu fico pensando em tudo que evolui, tudo que cresceu, tudo que mudou daquela época pra agora. O trabalho hoje em dia é muito maior. Se naquela época a gente começava produzindo a festa um mês antes, hoje em dia um festival a gente começa a produzir 7 meses antes. Se naquela época em 2,3 dias a gente</p>	Kranti falando

	desmontava a festa, agora demora um mês.	
07:31-07:43	<b>TS:</b> Tem muita coisa por trás disso tudo. Tem uma produção gigantesca pra que as festas aconteçam. O próprio DJ para produzir musica a musica dele faz um grande investimento em estúdio.	Thaiza falando
07:44-08:01	<b>FL:</b> O mercado brasileiro é um dos mercados mais bem vistos pra eles, aqui eles são bem pago, tocam em festas grandes. O cachê que eles praticam aqui, eles não praticam em nenhum lugar no mundo. Calvin Harris cobra 600 mil dólares, David Guetta 500 mil dólares.	Felipe falando
08:02-08:10	<b>JK:</b> Então a música eletrônica cresceu muito, na rádio principalmente. Hoje dia com EDM como chama a música eletrônica comercial. E os investimentos consequentemente.	Komka falando
08:11-08:14	<b>KP:</b> Eu acho que o Brasil tem um terreno bom pra música eletrônica.	Kranti falando
08:15-08:21	<b>FL:</b> Então a gente vê que tem um mercado consumidor muito grande no Brasil e isso só tá aumentando cada vez mais. Por que? Porque o mercado ta quente.  08:16 Entra música com volume baixo ( <i>FTampa – Strike It Up</i> )	Felipe falando
08:22-	<b>Música:</b> <i>FTampa – Strike It Up</i>	Sequencia de festas
08:30-08:33	<b>Música:</b> <i>FTampa – Strike It Up</i>	<b>Subtítulo:</b> Preconceito
08:34-08:37	<b>TS:</b> A música eletrônica era a música dos gays e dos drogados.	Thaiza falando
08:38-08:42	<b>FL:</b> Sempre existiu esse preconceito aqui no Brasil de música eletrônica estar associado com droga	Felipe falando
08:43-08:47	<b>KP:</b> Não se pode negar que exista o uso de drogas ilícitas.	Kranti falando
08:48-08:52	<b>JK:</b> A gente não faz apologia. Acho pessoalmente que a vida é muito melhor sem.	Komka falando
08:53-08:59	<b>FL:</b> a gente vai pra fora do Brasil, por exemplo na Europa, eles são evoluídos em vários fatores, inclusive na música eletrônica também	Felipe falando
09:00-09:22	<b>KP:</b> Eu trabalhei isso muito aqui em Goiás, com o fato de que as pessoas que trabalhavam no festival, as faxineiras, os seguranças, os atendes de bar, os caixas; elas reconheciam que não era aquilo que elas esperavam. Elas ouviam falar como se	Kranti falando

	as pessoas estivessem se drogando no meio da pista. E quando elas viam pessoas educadas, atenciosas. Eles ficam admirados com a educação das pessoas.	
09:23-09:33	<b>JK:</b> Eu acho que as pessoas também tá mudando, as pessoas sabem que droga é um problema de saúde pública. Não se pode associar a um gênero só.	Komka falando
09:34-09:45	<b>TS:</b> festa tomou uma nova proporção. Até os frequentadores são diversos, de diversas classes sociais.	Thaís falando
09:46-09:53	<b>FL:</b> Cada dia que passa, esse preconceito é quebrado porque a droga não é um problema da música eletrônica, a droga é um problema mundial.	Felipe falando
09:54-10:06	<b>KP:</b> Eu acho que a gente vai desfazendo essa má imagem, mostrando pras autoridades e pra população que a festa é muito mais tranquila, tem muito menos briga. Não tem briga. As únicas brigas que tem, são casais de namorados.  09:55 entra musica com volume baixo ( <i>Something About You – Simple Jack Remix</i> )	Kranti falando
10:07	<b>Música:</b> <i>Something About You – Simple Jack Remix</i>	Sequencia de festas
10:17-10:21	<b>Música:</b> <i>Something About You – Simple Jack Remix</i>	<b>Subtítulo:</b> Sensações
10:22-10:37	<b>KP:</b> O efeito que a música provoca, vou até mexer o corpo aqui. Eu vejo que a música leva a esse estado meditativo mesmo, e adentra sonoridade alternativas. Sonoridades que nos remetem a novos espaços interiores.	Kranti falando
10:38-10:51	<b>FL:</b> A Música eletrônica não tem um estilo da dança, igual se você for ver no forró. Não existe estilo de dança. É uma coisa que você joga pra fora, uma expressão e um sentimento seu, e naquele momento é o que você quiser.  10:48 entra música com volume baixo ( <i>Stee Downs – Gabe Remix</i> )	Felipe falando
10:52-11:11	<b>KP:</b> Isso acontece com a musica clássica, com o jazz, onde não há um direcionamento com palavras, o tempo todo falando. E possibilita você acalmar a mente, desligar o pensador um pouco e entrar mais no sentimento, no sensorial e na percepção.	Kranti falando

	pura.	
11:12-11:14	<b>FP:</b> A minha sensação é sempre boa ao escutar música eletrônica.	Felipe falando
11:15-	<b>Música:</b> <i>Stee Downs – Gabe Remix</i>	Sequencia de festas
11:26-11:44	*voz-over  <b>KP:</b> Eu acho que a música eletrônica veio para ficar. Ela não ta pra desbancar, assim como quando veio o pop não desbancou a clássica, quando veio o rock não desbancou o pop, quando veio o reggae não desbancou o rock. E a musica eletrônica veio, não é que vai acabar os outros ritmos. Ela só veio pra se incluir como um novo ritmo, uma nova sonoridade.	Sequencia de festas
11:50-11:56	*voz-over  <b>TS:</b> A música eletrônica não tem fronteiras. Quantos e quantos artistas brasileiros estão viajando o mundo.	Sequencia de festas
12:02-12:14	*voz-over  <b>KP:</b> E ela mostrou que ela tem força, que ela esta ai. E mesmo quem não goste e prefira outros ritmos, não ha como nega a existência dela e querer destruí-la porque ela não tem mais volta.	Sequencia de festas
12:19-13:01	<b>Música:</b> <i>Stee Downs – Gabe Remix (termina junto com os créditos)</i>  <b>FIM</b>	Créditos Finais.